



# DOIS DEDOS DE PROSA

Nº 23 - RECIFE / PE - JULHO DE 1997

Flávio Duarte

## CARÁ SÃO TOMÉ

# É plantar para crer nas vantagens da Agrofloresta

### TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Uma ferramenta simples e barata para difundir sistemas sustentáveis de agricultura familiar.

*(Páginas 4 e 5)*

### COMO FAZER

Dicas para uma capina de qualidade, onde se aproveita até as plantas "invasoras".

*(Página 6)*

### PRONAF

O secretário executivo do Pronaf em Pernambuco, Paulo da Fonte, avalia a primeira fase do programa e sugere onde os trabalhadores rurais devem reivindicar avanços.

*(Página 7)*



*Rafael Justino, de Bom Jardim (PE), comprovando as vantagens do sistema agroflorestal.*

## Editorial

### Reforma Agrária e Meio Ambiente

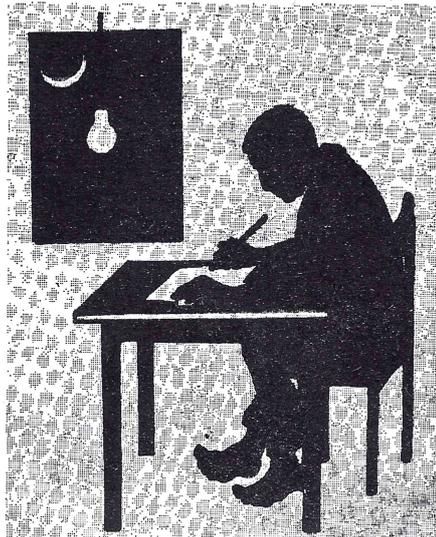
Neste mês de julho, uma notícia do Diário de Pernambuco destacou os males causados pelos agrotóxicos, em agricultores do município de Camocim, em São Félix (PE). De acordo com o presidente do STR local, Fernando Nascimento, os cultivadores de hortaliças estão sendo vítimas de envenenamento, pelo uso descontrolado de inseticida e consumo de água contaminada pela pulverização das lavouras.

O envenenamento por agrotóxico se associa, em Camocim, ao desemprego anual dos agricultores no período de maio a agosto, quando as chuvas intensas impedem o cultivo de tomate, pimentão e repolho. Pagando o uso da terra com parte da colheita, os agricultores são obrigados pelos proprietários a plantar hortaliças utilizando agrotóxicos. Até mesmo a barragem que abastece o município já está contaminada pelo veneno usado nas lavouras que ficam em volta da sua bacia.

Esta situação demonstra como a falta de uma reforma agrária influencia até mesmo os desastres ambientais no campo, já que vários fazendeiros se interessam apenas pelo lucro imediato, sem considerar a saúde dos agricultores e de toda uma população - como as 15 mil pessoas de Camocim. Os trabalhadores rurais do município, se pudessem escolher, plantariam lavouras que produzem o ano todo, afastando o desemprego e os envenenamentos, através de culturas mais adequadas à terra que possuem.

Nesta edição de Dois Dedos de Prosa, a experiência da família do agricultor Rafael Justino demonstra como é possível iniciar a mudança desse quadro social, econômico e até ambiental, desde que seja feita uma reforma agrária que distribua terra para os agricultores familiares. Rafael encontrou na Agrofloresta um sistema de produção que dispensa o gasto e o uso de agrotóxicos, com terra fértil e produtos agrícolas de qualidade.

Do interior de São Paulo, o líder dos Sem-Terra, José Rainha, denuncia que já existem diversas áreas de pastagem abandonadas, por conta da queda no preço da terra. Os proprietários de Camocim e os fazendeiros paulistas não representam desenvolvimento. Eles vêem a terra apenas como sinônimo de dinheiro. Uma reforma agrária que atenda aos Sem-Terra, combinada com uma agricultura sustentável são os sonhos que o Sabiá quer construir e ecoar, particularmente neste mês de julho, comemorando o dia do agricultor. Que agricultores e agricultoras, apesar dos desenganos, não percam esses sonhos de vista.



## Cartas

### Tabira

Agradeço o envio de mais um exemplar da excelente publicação "Dois Dedos de Prosa" e informo aos amigos que atualmente estou respondendo pela Secretaria de Agricultura do município de Tabira. Neste sentido, gostaria de desenvolver parcerias de trabalho com o Centro Sabiá.

*Sandro José Ferreira de Lima  
Sec. de Agricultura de Tabira*

### Ki Jaia

Moro numa comunidade Hare Krsna e gostaria de receber informações e diversos materiais didáticos sobre agrofloresta. E se puder, aquele calendário bacana. Agradeço a atenção e espero resposta ansioso.  
Agrofloresta - Ki Jaya!

*Urukrama (Mauro Machado)  
Comun. Rural Fazenda Nova  
Vraja Dhama - Serra dos Cavalos  
Caruaru (PE)*

### Caprinocultura

Agradecemos e parabenizamos pelo belo calendário deste ano, que

passou para o papel a beleza do campo e das comunidades rurais. Informamos que o STR de Triunfo e Sta Cruz da Baixa Verde - Comunidade de São José dos Pilotos, na pessoa do Sr. Benedito, foi contemplado com um projeto de caprinocultura/leite. Contamos com o apoio e a parceria de vocês para o sucesso deste trabalho.

*Paulo Sérgio Brito Cavalcanti  
Centro Diocesano de Apoio ao  
Pequeno Produtor  
Pesqueira (PE)*

## Comunicação rural

Gostaria de obter informações (artigos, livros, manual) sobre comunicação rural, especialmente rádio. Parabenizo pelo calendário e a inspiração do artista Domingos Sávio. Aproveito e solicito seis calendários 97. Abraços fraternos na dimensão dos acordos das anônimas vozes nordestinas!

*Ney Vital  
Areia (PB)*



# DOIS DEDOS DE PROSA

Informativo Nº 23 - Julho de 1997

**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO SABIÁ**

Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite  
CEP 50.070-390 Recife - PE  
Telefax (081) 423 8775

**Equipe Técnica:**

Avanildo Duque, Flávio Duarte,  
Joseilton de Sousa, Adeildo  
Fernandes, Marleide Irineu,  
Kurt Habermeier, Marcos Figueiredo,  
Paula Andrade  
e José Aldo dos Santos.

**Editoração e Diagramação:**

Jorge Hugo Verdi

**Ilustrações:** Domingos Sávio

**Circulação:** Marleide Irineu

**Jornalista responsável:**

Paula Andrade

(Reg. Prof. 2.214 DRT/PE)

**Apoio:** ICCO, DED, Misereor e Ministério do Meio Ambiente.

CARÁ SÃO TOMÉ (*Dioscorea alata*)

# As vantagens de plantar na Agrofloresta

Joseilton de Sousa \*

Fácil de trabalhar e com bom mercado: estes são os dois “pontos fortes” do cará são tomé. Quem planta de acordo com os princípios do sistema agroflorestal ainda vai trabalhar menos, pois em todo o ciclo de crescimento do cará é preciso fazer apenas duas limpas.

Esta tem sido a experiência da família do agricultor Rafael Justino Braz, que tem um sítio de *oito ha* em Bom Jardim, um município situado no Agreste de Pernambuco. Segundo Rafael, o plantio do cará são tomé tanto tem compensado comercialmente, como reforçado a alimentação de toda a família.

Na maneira tradicional de plantar, os agricultores cultivam o cará são tomé sozinho. Poucos produtores associam com outra cultura ou com árvores, mesmo dizendo que “*quanto mais a rama cresce, mais a planta produz*”. Em geral, os agricultores e agricultoras que fazem associações com outras lavouras raramente usam feijão mulatinho e milho: duas plantas que podem ajudar muito no crescimento do cará.

A experiência de Rafael, iniciada em dezembro de 1995, foi feita numa área de capoeira, medindo 0,2 ha (ou quatro *contas*), com muitos cipós e algumas árvores, como sucupira, camundongo, João mole e cajazeira. O solo se apresentava muito bom, sendo fofo e com condições de reter água. Essa riqueza resultou dos muitos anos de pousio da terra.

## CUIDADOS COM O SOLO

Em janeiro do ano passado, Rafael iniciou o preparo do solo cortando todos os cipós secos e arrancando o mato velho e também seco. Todo esse material serviu para fazer uma boa cobertura do solo. No mês seguinte, as árvores foram podadas e os galhos também colocados sobre o solo. A intenção de Rafael era contribuir para produção de mais matéria orgânica na sua terra. Ele sabia que era preciso dar condições para o solo se manter rico, tal como ficou após o período do pousio.

Depois da poda das árvores, foi feito o plantio do cará são tomé junto com o cará inhame. As covas foram preparadas com a enxada, e logo que os carás



Flávio Duarte

**Rafael: “Já fazia dez anos que eu não conseguia produzir um cará de qualidade boa, e ainda conseguir que o solo ficasse fértil”.**

começaram a germinar, Rafael fez o plantio do feijão mulatinho. A principal vantagem deste consórcio com o feijão é que ele é uma espécie adubadora. Além de fortalecer o solo e o crescimento do cará, o feijão pode ser colhido três meses antes.

No momento do plantio do feijão mulatinho toda a vegetação que havia sido podada começou a rebrotar, estimulando o crescimento do cará. Esse crescimento conjunto das plantas é um dos princípios da **agroflorestação** aplicados na terra de Rafael.

A quantidade de sementes de cará são tomé plantada correspondeu a sete arrobas. A cultura rendeu na colheita 40 arrobas de tubérculos bons para o comércio. No caso do cará inhame, foram plantadas três arrobas de sementes, totalizando 160 covas, e a produção foi de sete arrobas. O feijão plantado produziu um saco de 60 kg. Todo o trabalho dedicado a essas três culturas foi de 18 dias.

*\* A experiência de Rafael Justino Braz foi sistematizada por Joseilton de Sousa, técnico em agropecuária do Centro Sabiá, que tem acompanhado essa e outras experiências dos agricultores de Bom Jardim.*

# Troca de experiência negócio onde



A estudante Febe de Oliveira (à esquerda) em treinamento com agricultores e o diretor da Assema, Manoel Gomes (à direita).

Estamos no final do primeiro semestre de 1997. Enquanto preparamos o segundo número do Dois Dedos de Prosa concluímos um período onde a troca de experiências foi especialmente rica. Recebemos de janeiro a junho: um agricultor de Alagoas, dois representantes da Associação das Áreas de Assentamento do Maranhão (Assema), e proporcionamos, em períodos alternados, estágios para quatro estudantes, sendo dois de Pernambuco, um do Paraná e outro do Rio Grande do Norte.

Desses encontros - onde falamos das experiências e do conhecimento adquirido por técnicos e agricultores - saíram enriquecidos visitantes e *visitados*, como aconteceu durante a visita do agricultor Florisval, do município de Colônia Leopoldina (AL).

Durante uma semana, ele conviveu com a família do agricultor Pedro Custódio, na comunidade do

Sítio Feijão, em Bom Jardim (PE), para conhecer de perto o desenvolvimento do sistema agroflorestal. Nesta ocasião, ele ficou sabendo que o Centro Sabiá estava pesquisando a melhor maneira de montar um secador solar, dentro das condições financeiras e de trabalho dos agricultores. Florisval então informou que havia um secador solar no seu município. A partir disso, foi organizada a visita de um técnico e de um agricultor para conhecer a experiência, o que foi bastante útil na orientação da montagem do nosso secador solar.

Compartilhamos nossos conhecimentos também na visita do agricultor Manoel Gomes e do técnico agrícola Jaime Oliveira, da Assema. A expectativa deles era conhecer a nossa proposta de implantação e manejo de sistemas agroflorestais. Ao final da visita de uma semana, quando

inclusive participaram de uma reunião da Comissão de Agricultura do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim, os representantes da Assema avaliaram como bastante proveitosa a estada em Bom Jardim e o contato com os técnicos.

Segundo Jaime Oliveira, de forma geral, a viagem serviu para "firmar o propósito de implantação dos ensaios de agroextrativismo, embasado no conhecimento de agricultores e técnicos que atuam em Bom Jardim, que apostaram em uma nova forma de produzir, visando para um futuro próximo o desenvolvimento de uma agricultura sustentável".

Para Manoel Gomes, diretor da Assema, "ficou claro no trabalho prático com os agricultores, a diversificação da produção, a preservação do meio ambiente e a recuperação do solo, já dando para perceber os resultados positivos, e acreditar que as experiências implantadas vão melhorar a renda das famílias".

As palavras de Manoel também demonstram como é importante a visão de outros parceiros sobre o trabalho que desenvolvemos. Ajuda a levantar aspectos importantes, que passam despercebidos, e nos dá dicas sobre o caminho a ser seguido, a partir das próprias experiências.

Para o Centro Sabiá, o contato com a Assema demonstrou o quanto podemos aprender com o trabalho que a Associação realiza, considerando que ela nasceu com o objetivo

# Experiências: um Todos ganham

Avanildo Duque

principal de enfrentar a questão da comercialização, área onde já acumulou uma grande experiência. Como somos iniciantes neste campo, definimos uma visita para conhecer o trabalho dos agricultores maranhenses.

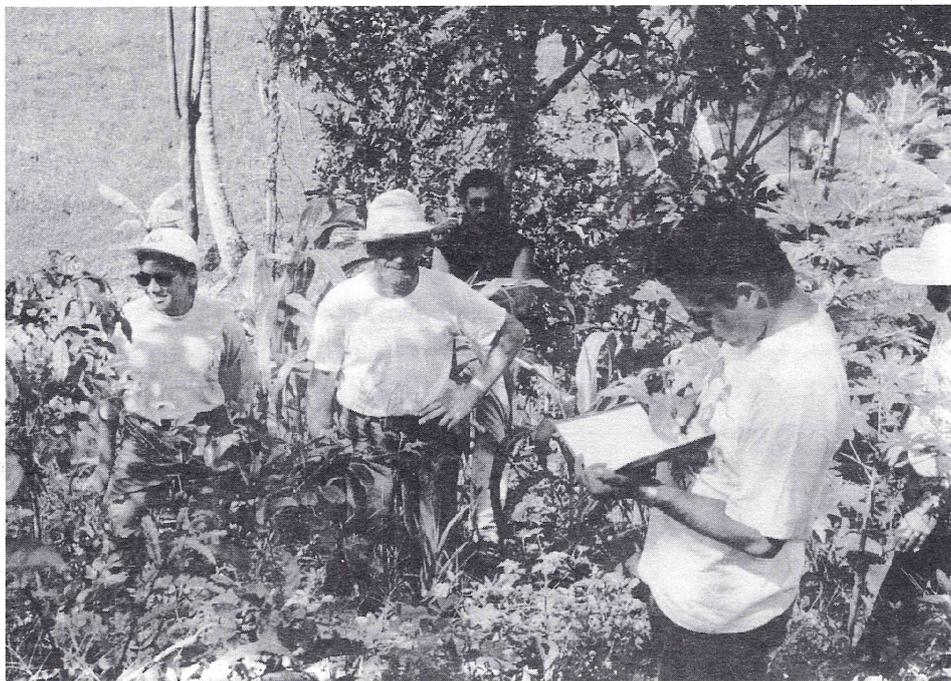
## ESTÁGIOS

O primeiro semestre do Sabiá também contou com os estágios dos estudantes de Agronomia: Ana Maia, de Mossoró (RN); Febe de Oliveira e Silver Jonas, da Universidade Federal Rural de Pernambuco; e de Glaucia Diógenes, concluinte de Engenharia Florestal, do Paraná. Todos conviveram de três a quatro semanas conosco, sempre acompanhando os trabalhos já planejados.

No final do quarto estágio, avaliamos que o aprendizado comum entre estudantes, técnicos e agricultores permitiu um intercâmbio valioso, dando elementos para os estudantes enfrentarem o mercado de trabalho. Proporcionou aos agricultores e aos técnicos do Sabiá uma abertura para falar sobre o que fazem, sintetizando os aspectos fundamentais e enxergando os limites observados por quem "ainda está aprendendo".

Conscientes que somos todos aprendizes, nós do Sabiá podemos dizer que o estágio dá ao estudante a oportunidade de visualizar a realidade vivida pelos agricultores familiares e a metodologia de trabalho do Centro Sabiá, especialmente na construção de sistemas agrícolas sustentáveis.

Como este *espírito de troca*



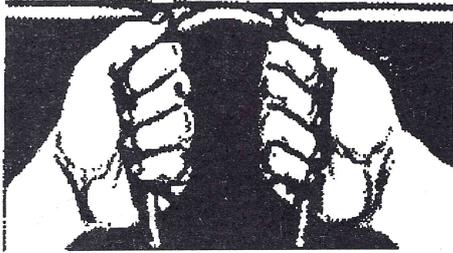
Ana (à esquerda) e Silver (à frente) em visita de campo, com Ernst Götsch.

esteve presente desde as nossas primeiras experiências de difusão, já pudemos sentir como a experiência de Dona Cecília, (divulgada no Dois Dedos de Prosa nº 12) serviu como base para que outros agricultores e agricultoras do município de Bom Jardim e de outras regiões despertassem para um novo jeito de fazer agricultura. Do mesmo modo, a visita de agricultores e técnicos do Sertão de Pernambuco, em 1994, estimulou todos a iniciarem a implantação de unidades agroflorestais em suas propriedades.

Todos esses exemplos, de ontem e de hoje, deixam claro como a promoção do intercâmbio de experiências é uma forma simples, eficiente e barata de difundir práticas, formas de organização e sistemas sustentáveis de agricultura familiar.

Resgatar e difundir o conhecimento que estava sendo perdido no processo de modernização da agricultura, como forma de garantir a continuidade deste grande patrimônio cultural dos agricultores, deve ser um dos objetivos de quem trabalha por uma agricultura familiar sustentável.

Na construção de sistemas agroecológicos, esta necessidade de trocar experiências aumenta, considerando que para as famílias de agricultores que começam ou pretendem praticar uma agricultura diferente da tradicional, o risco e o medo de não dar certo é grande. Muitas vezes, é justamente este receio que "emperra" a aplicação das práticas agroecológicas. Mas quando se tem experiências que dão certo, a etapa de implantação torna-se mais rápida, de tal forma que o intercâmbio do sucesso das experiências é uma ferramenta-chave para que elas se espalhem.



# Como fazer... capina seletiva

Adeildo Fernandes

Quando se fala em capina, logo pensamos em enxada, que é uma ferramenta usada por muitos agricultores e agricultoras para a retirada das ervas "daninhas" ou das plantas "invasoras".

Mas, na proposta de agroflorestação essas plantas são importantes. Se manejadas corretamente, cada uma cumpre uma função e são excelentes plantas companheiras das espécies cultivadas, já que possuem todas as condições para florescer no local em que se encontram.

Uma outra vantagem das chamadas ervas "daninhas" é que no momento que estão crescendo também estimulam o crescimento das plantas cultivadas. Elas também protegem e enriquecem o solo, pois contribuem para o aumento da matéria orgânica.

Por tudo isso, no manejo de um sistema agroflorestal existem práticas de plantio e cultivo bem diferentes das usadas no cultivo tradicional. Temos como exemplos o plantio consorciado denso, a poda e a **capina seletiva**.

Para compreender a importância da capina seletiva dentro do sistema agroflorestal devemos levar em conta que, num terreno limpo, as plantas que vão formar uma floresta não crescem todas de uma só vez. Elas obedecem a uma seqüência. Primeiro vem as do **estágio colonizador**, como o capim e outras. Depois, surgem as plantas **pioneiras**, e assim sucessivamente, até se formar toda a floresta.



No sistema agroflorestal devemos reconhecer as plantas que vêm primeiro e ajudam na prosperidade das plantas que estamos cultivando. Quando essas plantas já ajudaram no crescimento das nossas lavouras, é hora de retirá-las.

Fazer uma capina seletiva é retirar o mato de forma selecionada, arrancando com a mão as ervas que já cumpriram a sua função dentro do sistema agroflorestal. Retiramos aquelas que já "amadureceram" e ao invés de ajudar, ficam impedindo o crescimento das culturas.

Se existem plantas que vêm primeiro, também existem aquelas que virão muito depois. Dentro da ordem de formação da nossa "floresta", as plantas que "estão na frente" das plantas cultivadas também devem ser cortadas. Fazemos isso para

que a nossa lavoura prospere com a rebrota dessas plantas "adiantadas", já que elas influenciam o sistema a crescer mais, a avançar.

As ervas arrancadas e cortadas devem ser colocadas ao redor das plantas cultivadas, fazendo uma boa cobertura morta e ajudando a terra a se enriquecer de matéria orgânica. Todo o nosso trabalho deve ter como objetivo **aumentar a vida** no nosso sistema agrícola. E o que fazemos numa área, precisamos fazer em todas, a fim de favorecer todo o sistema. Assim, tudo cresce no mesmo ritmo.

Um outro lembrete: após uma capina seletiva é sempre recomendado introduzir outras plantas, mais fáceis de manejar, e que sejam de um **estágio** mais avançado do que aquelas que já estamos cultivando.

# PRONAF: uma conquista do Pequeno Agricultor

Paulo Fernando Costa da Fonte \*

Criado pelo Ministério da Agricultura, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, foi concebido a partir da luta dos trabalhadores rurais organizados.

Até junho do ano passado, limitava-se a linhas de crédito de investimento e custeio para a agricultura familiar. A partir desse período, adotou-se a filosofia de planos integrados de desenvolvimento rural, através dos "Planos Municipais de Desenvolvimento Rural - PMDR", que possuem quatro linhas de ação.

A primeira linha trata da negociação de políticas públicas com órgãos setoriais, o que significa envolver entidades do governo e da sociedade na discussão e na definição do que será feito e com qual volume de recursos. A segunda linha de ação dos PMDRs é o financiamento da produção da agricultura familiar. As terceira e quarta linhas dos Planos são destinadas ao financiamento de infra-estrutura e serviços nos municípios, e à capacitação e profissionalização de agricultores familiares.

Após a adoção dos PMDRs, foram contemplados 24 municípios de Pernambuco, segundo critérios estabelecidos pelo Ministério de Agricultura. Na seleção dos municípios, o Ministério deu preferência aos que possuem **mais** estabelecimentos rurais de até 200 ha, superando a média do Estado.

O segundo critério considerou os principais municípios onde a população rural supera a população urbana. Por fim, o Ministério levou em conta, entre todos os municípios do país, os que apresentam menor valor de produção agrícola, em relação à quantidade de pessoas ocupadas, também dentro da média de cada Estado. A previsão é de que até o final deste ano serão incorporados mais 36 municípios, atingindo o total de sessenta.

## PARCERIAS

A coordenação do Pronaf em Pernambuco - especialmente para os planos de desenvolvimento - é executada pela Secretaria de Agricultura, através da sua Diretoria de Planejamento. Para implantar o Pronaf no Estado, a Secretaria de Agricultura contou com a parceria da EMATER-PE, IPA, FETAPE, FIAM, SINTAPE e DFA/MA e ainda com o apoio de algumas prefeituras e a importante participação de ONGs, como o Centro Sabiá, em Bom Jardim, e o Caatinga, em

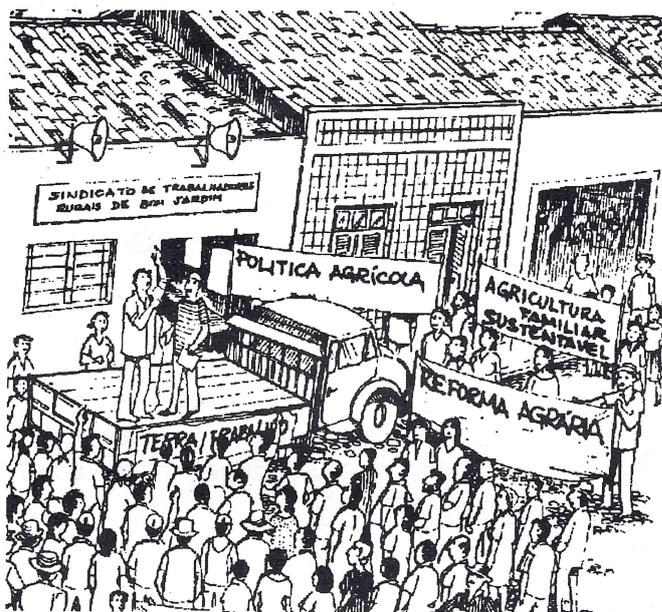
Ouricuri.

As principais dificuldades do Programa foram provocadas pela *cultura* das instituições envolvidas; por questões relativas aos agentes financeiros e pelo fato de 1996 ter sido um ano eleitoral, implicando no desinteresse de alguns prefeitos em aderirem ao Programa. Também foi deficiente o fluxo de informações e ainda insuficiente o volume de recursos para o crédito agrícola.

Como fatores positivos desse período mais recente do Pronaf, destaca-se a participação dos agricultores no *planejamento*, através do levantamento de demandas para

inclusão nos Planos, e a *constituição dos Conselhos Municipais*, respeitando-se a paridade com a representação do agricultor familiar. Também foi importante a criação do Fundo Pronaf, que cobrirá na próxima safra as possíveis inadimplências dos agricultores junto aos Bancos.

De maneira geral, foram positivas as negociações institucionais, o estabelecimento de parcerias e a utilização de técnicos das entidades parceiras, como colaboradores. Apesar dos avanços, ainda existem ações na área de **crédito** a serem objeto de **reivindicações dos agricultores**, que poderão dar significativo impulso ao



Programa.

Pernambuco conta com apenas uma safra agrícola/ano, ao passo que alguns Estados do Centro-Sul, por exemplo, produzem duas safras anuais. Por esse motivo, o grosso dos recursos destinados à fundação das safras vão para essa Região, ou seja, a demanda por crédito tem início seis meses antes do período da fundação da safra pernambucana. Em decorrência, os recursos a nós destinados, já se encontram, a essa altura, bastante reduzidos.

Outro obstáculo a ser superado refere-se à unificação das taxas de juros. Nesse aspecto, Pernambuco é duplamente penalizado. Como vimos antes, o crédito que nos é destinado, além de escasso, tem as mesmas taxas de juros de regiões mais competitivas na área agrícola.

Para minimizar esses problemas e proporcionar maior avanço ao Pronaf, faz-se necessário, de um lado, alocar recursos respeitando o calendário agrícola de cada região e por outro, reduzir o percentual das taxas de juros do crédito rural no Nordeste, retomando nesse caso, a prática anterior de adoção de taxas diferenciadas.

\* Diretor de Planejamento da Secretaria de Agricultura de Pernambuco e Secretário Executivo do PRONAF-PE



## Versos e prosas

### A volta da galinha

José de Souza Félix  
(Bom Jardim-PE)



Por uns tempos sumiu minha galinha...  
Todos pensavam que houvesse morrido!  
Eis que um dia, porém, a coitadinha volta  
fazendo o maior alarido.

Ao voltar, acontece que ela vinha  
acompanhada de um bando nutrido  
de pintinhos, para alegria minha.  
Essa volta deixou-me comovido!

Sozinha em seu refúgio, desgarrada,  
exposta ao sol ardente e à chuva fria,  
ela pôde formar sua ninhada...

A natureza é pródiga e capaz.  
Lição de amor e de sabedoria,  
sem o saber, uma galinha traz.

## Pupunheira

A pupunheira é uma palmeira que consegue se adaptar aos solos de todas as regiões brasileiras. Entre os índios, passa de pai para filho, indo no pacote de sementes dos jovens que iniciarão sua roça, por ocasião do casamento.

A cor do fruto, a pupunha, pode ser vermelha, verde, ou ter um tom alaranjado. Além da cor, a pupunha também pode variar em forma e sabor. Normalmente, a polpa da fruta é cozida com água e sal, e substitui bem a macaxeira e a batata. Pode ser utilizada para extração de óleo e produção de farinha, que tanto serve para a alimentação da família, como para a criação animal.

O plantio deve ser feito em solo fofo e, de preferência, em áreas planas. Geralmente, os frutos são colhidos maduros e as sementes são retiradas partindo-se os frutos ao meio. O resto da polpa que fica nas sementes pode ser retirado com lavagem em água corrente ou



deixando as sementes na água durante dois dias. As sementes que flutuarem devem ser eliminadas.

Em média, de cada dez sementes plantadas no viveiro, sete germinam de dois a quatro meses após o plantio, dependendo das condições de solo, clima, etc. Com altura de cinco a oito centímetros as mudas são colocadas nos sacos. Depois de um ano do plantio da semente, a muda está pronta

para o plantio definitivo, que deve ser feito no início do inverno. No **sistema agroflorestal**, a pupunheira pode ser consorciada com abacateiro, cajueiro, cajazeiro e outras árvores, que devem ser plantadas bem ao lado da pupunheira. Subindo por essas árvores, o agricultor poderá fazer a colheita da pupunha, já que a pupunheira mais cultivada apresenta espinhos.

Fontes: *Revista Globo Rural* nº 109, nov. 1994. *A Cultura da Pupunha*, Brasília, EMBRAPA, 1995, *Coleção Plantar* nº 25

### O Centro Sabiá lança cartilha sobre Colméia de lata



A partir das experiências do Patac, de Campina Grande (PB), agricultores e técnicos do Sabiá aprimoraram as colméias de lata, modificando o modelo vertical e criando o modelo horizontal, apresentados nesta cartilha.